

A EPT E MOVIMENTOS SOCIAIS: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE O IFB – CAMPUS PLANALTINA E O ASSENTAMENTO PEQUENO WILLIAN ENTRE OS ANOS 2010 E 2022

VET AND SOCIAL MOVEMENTS: A STUDY OF THE RELATIONS BETWEEN IFB – PLANALTINA CAMPUS AND THE PEQUENO WILLIAN SETTLEMENT FROM 2010 TO 2022

Francione Neris de Sousa ¹
Thiago de Faria e Silva ²

1. Mestre em Educação Profissional (ProfEPT)
Instituto Federal de Brasília *Campus* Brasília
E-mail: francego.ifg@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2199183478860325>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9206-9132>

2. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)
Instituto Federal de Brasília *Campus* Recanto das Emas
E-mail: thiago.faria@ifb.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3919001345573624>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7205-0021>

RESUMO: Este estudo explora as relações entre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e os movimentos sociais, com foco nas interações entre o Instituto Federal de Brasília (IFB) - *Campus* Planaltina e o Assentamento Pequeno Willian, especialmente no contexto das culturas escolares. O objetivo principal é fornecer uma síntese dessa relação a partir das percepções dos sujeitos de ambos os contextos, por meio de uma análise comparativa dos documentos institucionais do IFB, incluindo o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e dos documentos locais do *Campus* Planaltina, como os Projetos Político Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) do Curso de Tecnologia em Agroecologia. Além disso, busca-se sistematizar teorias sobre EPT, movimentos sociais e História Oral, e desenvolver o site Banco de História Oral Digital como repositório da memória do *Campus* Planaltina do IFB e do Assentamento Pequeno Willian. A pesquisa posiciona-se no campo da História da Educação, utilizando os postulados da História Cultural, analisando de forma dialógica as sete entrevistas coletadas e demais documentos mobilizados para a construção da presente narrativa historiográfica. Para o tratamento metodológico dos documentos orais e escritos foram utilizadas a História Oral e a análise documental histórica, respectivamente. Os resultados revelam que a relação entre EPT e movimentos sociais é complexa, com relatos sobre transformações institucionais e tensões com o assentamento, destacando o choque cultural na transição da escola agrícola para o IFB e as dificuldades de adaptação. Também surgem perspectivas de aproximação e colaboração entre o IFB e o Assentamento Pequeno Willian.

Palavras-chave: educação profissional e tecnológica; movimentos sociais; IFB - *Campus* Planaltina; Assentamento Pequeno Willian.

ABSTRACT: This study explores the relationships between Vocational and Technological Education (VTE) and social movements, focusing on the interactions between the Federal Institute of Brasília (IFB) - Planaltina Campus and the Pequeno Willian Settlement, especially in the context of school cultures. The main objective is to provide a synthesis of this relationship based on the perceptions of individuals from both contexts, through a comparative analysis of the institutional documents of the IFB, including the Institutional Development Plan (IDP) and local documents from the Planaltina Campus, such as the Political-Pedagogical Projects of the Courses (PPCs) and Course Completion Works (CCWs) of the Technology Course in Agroecology. Furthermore, it seeks to systematize theories on VTE, social movements, and Oral History, and to develop the Digital Oral History Bank website as a repository of the memory of the Planaltina Campus of the IFB and the Pequeno Willian Settlement. The research is positioned in the field of the History of Education, using the postulates of Cultural History, analyzing in a dialogical way the seven collected interviews and other documents mobilized for the construction of the present historiographical narrative. For the method-

ological treatment of oral and written documents, Oral History and historical documentary analysis were used, respectively. The results reveal that the relationship between EPT and social movements is complex, with accounts of institutional transformations and tensions with the settlement, highlighting the cultural shock in the transition from the agricultural school to the IFB and the adaptation difficulties. Perspectives for rapprochement and collaboration between the IFB and the Pequeno Willian Settlement also emerge.

Keywords: *professional and technological education; social movements; IFB - Planaltina Campus; Pequeno Willian Settlement.*

INTRODUÇÃO

No contexto das transformações políticas, econômicas e sociais do período, o estudo investiga como os Institutos Federais de Educação se alinham com os movimentos sociais e como contribuem para a formação integral e emancipatória dos assentados. Para isso, escolheu-se o curso de Agroecologia do IFB - *Campus* Planaltina e o Assentamento Pequeno Willian para realização da pesquisa, por meio da análise de documentos institucionais e entrevistas, sob a ótica da integração e a colaboração entre a instituição de ensino e a comunidade local.

Nosso objetivo foi interpretar, por meio das entrevistas, as estratégias discursivas produzidas e reproduzidas pelos sujeitos envolvidos nessa relação, visando uma análise mais profunda das interações, das narrativas e dos sentidos que emergem desse contexto. Essa abordagem permite explorar não apenas os fatos históricos e documentos, mas também as dinâmicas simbólicas e os processos de construção de sentido, revelando como as práticas educacionais e sociais se entrelaçam no cotidiano desses grupos.

Pretende-se ampliar a compreensão sobre a atuação da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e sua relação com os movimentos sociais, ultrapassando os limites da escolarização formal. A pesquisa foi fundamentada nas narrativas orais de sete indivíduos, pertencentes tanto à comunidade acadêmica quanto ao assentamento. Essas narrativas foram fundamentais para analisar as interações e trocas entre os dois contextos, desvelando as dinâmicas sociais e educacionais presentes.

Histórico da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil e do IFB - *Campus* Planaltina

Embora a historiografia frequentemente inicie o percurso da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) a partir de 1909, com a criação das primeiras escolas de aprendizes e artífices pelo governo federal, partiremos da reflexão de que essa delimitação temporal ignora os antecedentes históricos mais amplos.

Moura (2013, p. 58) aponta que “a educação profissional no Brasil não começa com as escolas industriais, mas é herdeira de processos formativos que datam do período colonial, marcados pelas contradições sociais da formação de uma nação escravocrata”. Dessa forma, na sua visão, a formação profissional no Brasil antecede 1909, apesar de essa data representar um marco importante na oferta pública de educação técnica e gratuita.

Na visão de Ciavatta (2022) e Saviani (1989), o período citado acima reflete o reforço do dualismo de caráter estrutural, presente no sistema educacional brasileiro, sobretudo a partir da década de 1940, quando, conforme a autora, a educação nacional foi organizada por leis que segmentam a educação de

acordo com os setores produtivos e as profissões, reforçando a histórica separação entre a formação para a universidade e a formação profissional para a produção, ambas servindo aos interesses da elite burguesa e do capital.

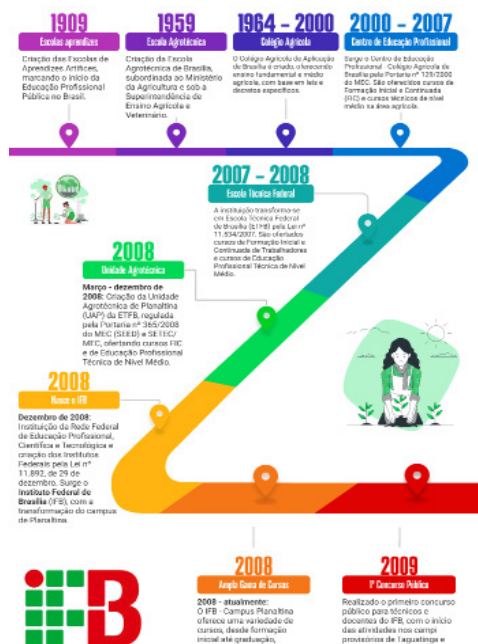
Na obra “*Institutos Federais: uma Revolução na Educação Profissional e Tecnológica*”, Pacheco (2011) destaca, para além dos marcos regulatórios, o compromisso dos IFs com “a atuação junto aos territórios e populações com vulnerabilidade social, objetivando integrá-las à cidadania e aos processos de desenvolvimento com inclusão” (Pacheco, 2011, p. 5-7).

Dentro desses princípios fundadores da EPT e dos IFs, é importante ressaltar que o curso de Agroecologia do *Campus* Planaltina do IFB, conforme estabelecido em seu PPC-2019/2020, se propõe a assumir um papel de questionamento da estrutura vigente, ao buscar bases conceituais e metodológicas para transformar o modelo de desenvolvimento do campo no país.

O IFB - *Campus* Planaltina, originalmente Escola Agrotécnica e Colégio Agrícola, é a unidade mais antiga do Instituto Federal de Brasília. Localizado na cidade de Planaltina, o *campus* tem forte vínculo com a história da região, que passou por diversas anexações e desanexações, e está situado na área do setor Mestre D’Armas, próxima ao Parque Colégio Agrícola de Brasília (PCAB). Essa localização estratégica favorece a integração socioambiental e educacional, com foco na preservação ambiental e na promoção de atividades de ensino, pesquisa e extensão. O *campus* oferece cursos técnicos, de graduação e de formação continuada nas áreas de Agropecuária, Agroindústria e Agroecologia, destacando-se pela parceria com diversas instituições, como a EMBRAPA e a UnB.

A história do *campus* reflete transformações políticas, pedagógicas e estruturais ao longo de 65 anos, sendo um ponto importante na formação de trabalhadores para o campo. Desde sua transição para o IFB em 2008, a unidade se dedica ao desenvolvimento regional e à sustentabilidade, com diversos projetos comunitários e parcerias internacionais. O curso de Tecnologia em Agroecologia tem suas origens em iniciativas de Agroecologia desde a época do Colégio Agrícola, com a inclusão do tema na matriz curricular em 1999 e o desenvolvimento do Projeto Pedagógico em 2009.

Ao longo dos anos, o PPC do curso de Agroecologia passou por ajustes e reformulações para atender às necessidades regionais e melhorar a qualidade do ensino, abordando questões como o diálogo entre o currículo e o mundo do trabalho e a necessidade de integração entre disciplinas. A experiência prática e a participação de assentados e agricultores familiares também foram pontos críticos identificados durante o processo de avaliação contínua do curso.

Infográfico 1 – Linha do tempo do IFB - *Campus Planaltina*

Fonte: elaborado pelos autores, 2024

Esse percurso de transformações no ensino ofertado pelo *Campus Planaltina* proporciona impressões valiosas sobre a relação entre os dois espaços de estudo: o IFB - *Campus Planaltina* e o Assentamento Pequeno Willian, cujas trajetórias se entrelaçam significativamente com a própria história da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil.

O IFB - *Campus Planaltina* e APW: a EPT, reforma agrária e os movimentos sociais

Para iniciar a compreensão do contexto temporal e institucional da realização do estudo, é relevante mencionar que as origens da relação entre o IFB - *Campus Planaltina* e o Assentamento Pequeno Willian datam de 2004, quando ocorreram os primeiros contatos entre a gestão do *campus*, os servidores e os assentados, durante as negociações pelas terras. Na época, a unidade ainda era o Centro de Educação Profissional - Colégio Agrícola de Brasília, e as terras foram cedidas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), após uma década de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e de outros movimentos sociais parceiros que atuavam na região do entorno de Planaltina-DF.

Há mais de 30 anos, o movimento tem se estruturado por meio de processos autogestionários, abordando pautas, mobilizações e processos educacionais e culturais. Sua atuação se baseia na ocupação de terras improdutivas como forma de pressão política, com o lema "Ocupar, Resistir, Produzir".

Com a redemocratização em 1985, o MST expandiu suas atividades, criando assentamentos voltados para a produção agrícola de subsistência e o desenvolvimento sustentável, além de lutar por direitos sociais. Nas décadas de 1990 e 2000, o MST consolidou-se como o maior movimento social da América Latina, destacando-se por suas lutas pela educação, saúde no campo e contra o agronegócio "predatório".

A atuação do MST tem sido caracterizada por conflitos com grandes proprietários, empresas do agronegócio e o governo, especialmente em períodos de governos conservadores. No entanto, também houve avanços nos últimos 20 anos, principalmente durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, que priorizaram políticas públicas de reforma agrária. Atualmente, o MST segue ativo, promovendo a agroecologia e a agricultura familiar como alternativas ao modelo de produção dominante. Além disso, mantém escolas, cooperativas e redes de produção e comercialização em seus assentamentos. Apesar de enfrentar resistência e repressão, o movimento continua sendo uma das principais vozes na luta pela terra no Brasil.

O Assentamento Pequeno Willian é resultado da atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que desde a década de 1970 se organiza em 24 estados brasileiros, com forte influência das Ligas Camponesas. O MST foi oficialmente fundado em 1984, durante o 1º Encontro Nacional dos Sem Terra, surgindo no contexto da ditadura civil-militar com a missão de reivindicar a reforma agrária e o direito à terra.

A descrição do contexto de Planaltina-DF e do Assentamento Pequeno Willian traz à tona a complexidade das lutas territoriais e a interação entre diferentes modelos de desenvolvimento. A presença dos movimentos sociais, como o MST, que buscam justiça social e territorial, é confrontada pela força do agronegócio, representado por grandes empresas como Pioneer e Syngenta, com unidades localizadas nas proximidades, que operam segundo a lógica de expansão e exploração intensiva dos recursos naturais.

Nesse cenário, o papel do IFB revela-se marcado por ambivalências. A atuação do *Campus Planaltina* demonstra afinidade com práticas sustentáveis, por meio de cursos, projetos de extensão e parcerias com comunidades locais, especialmente a partir do engajamento de grupos de professores alinhados aos princípios da agroecologia, sinalizando uma busca pelo que preconiza seus planejamentos e projetos norteadores.

No entanto, práticas como o uso de grãos transgênicos em determinadas atividades ou o modelo academicista, criticado por alguns entrevistados, geram críticas e inserem tensões no interior da instituição.

Nesse sentido, esta pesquisa propõe uma reflexão crítica sobre o papel do IFB como agente de transformação social e ambiental em um território marcado por disputas pelo uso da terra e por projetos antagônicos de desenvolvimento.

O IFB (Campus Planaltina) e o curso de Agroecologia: análise dos documentos institucionais e acadêmicos

A análise da cultura escolar do *Campus Planaltina* do IFB envolveu um estudo profundo da paisagem física e humana, das relações de poder e das memórias coletivas e individuais, adotando uma abordagem multifatorial, conforme proposto por Magalhães (2008). A investigação começou com a análise dos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI) para os períodos de 2019/2023 e 2024/2030 e os Projetos Pedagógicos do curso de Agroecologia, visando identificar as intenções e estratégias de aproximação com a comunidade local, os territórios e os movimentos sociais.

O PDI 2024/2030 do IFB representa um avanço em relação ao PDI 2019/2023, adotando uma abordagem mais integral, focada na sustentabilidade, na formação cidadã e em metodologias participativas e interdisciplinares. O PDI 2024/2030 valoriza os saberes locais e tradicionais, buscando uma educação crítica e comprometida com a transformação social.

Apesar de todas as versões dos PPCs preverem a aproximação com as comunidades locais, a versão mais recente amplia essa integração e prioriza a formação cidadã, sustentável e inclusiva. No entanto, preocupações como evasão, falta de representatividade dos agricultores e dificuldades na promoção da autonomia estudantil são questões ainda não totalmente resolvidas, como indicam as entrevistas com docentes.

A análise dos dados sobre evasão, especialmente no curso de Agroecologia, revela contradições e desafios locais, com uma evidência da necessidade de melhores políticas de assistência estudantil e condições de moradia. O estudo também sugere que, além dos índices de evasão, é importante considerar o impacto formativo do curso nas comunidades, levando em conta os arranjos produtivos locais e a proximidade com os assentamentos.

A Coordenação Geral de Ensino (CEGEN do IFB – *Campus Planaltina*) revelou, em documento solicitado para a pesquisa em 2023, que o percentual de alunos do Assentamento Pequeno Willian matriculados no curso de Agroecologia, considerando o total de matriculados (182) e o número de alunos do assentamento (4), é de aproximadamente 2,2%. Esses dados refletem as dificuldades e os desafios enfrentados pela comunidade local em acessar e concluir o curso.

A análise do PPC expõe um esforço do curso em alinhar a formação técnica com as demandas sociais e as realidades do campo, com ênfase na sustentabilidade, na agroecologia e na valorização dos saberes tradicionais. Além disso, a reflexão sobre a evasão, as metodologias participativas e a curricularização da extensão destacam a intenção do *campus* de integrar teoria e prática, engajando alunos e a comunidade local em uma educação transformadora.

Além da análise do PPC, também foi realizada uma investigação detalhada dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) em Agroecologia com o objetivo de captar como os alunos

interpretam e vivenciam os valores, práticas e diretrizes educacionais da instituição, compreendendo como essas produções refletem as temáticas de interesse, as metodologias utilizadas e a forma como os estudantes articulam teoria e prática em seus estudos, revelando a identidade pedagógica do curso.

Os trabalhos analisados evidenciam a preocupação do assentamento com a preservação ambiental, a manutenção da vegetação nativa e o uso sustentável dos recursos naturais. A área destinada à Reserva Legal no Assentamento Pequeno Willian (RL) totaliza 144,17 hectares, o que representa cerca de 47% do território do assentamento. A área restante, correspondente a aproximadamente 53%, revela uma divisão equilibrada entre preservação ambiental e uso produtivo das terras.

Os TCCs ainda apresentam informações sobre a produção no assentamento, que é predominantemente familiar, com a principal fonte de renda derivada da venda de hortaliças e artesanatos. Os saberes tradicionais, transmitidos de geração em geração, são altamente valorizados e aplicados nas práticas agrícolas, reforçando o vínculo com as raízes culturais e a sustentabilidade.

A análise do contexto de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e a reflexão sobre os espaços formais e não formais de aprendizagem mostram como a cultura escolar do *campus* se molda, ainda que permeada por contradições, a partir de uma troca constante entre teoria, prática e realidade local, com potencial para promover uma cidadania crítica, reflexiva e transformadora.

Percurso metodológico do estudo

Utilizando a História Oral como metodologia, buscou-se resgatar histórias não hegemônicas, oferecendo um olhar sobre a vivência de sujeitos marginalizados, com a coleta de dados realizada por meio de entrevistas, observação e análise de documentos institucionais como PDI e PPC. A metodologia foi alinhada com as contribuições de autores como Thompson (1992), Nora (1993) e Portelli (1997), que destacam a memória e a subjetividade como componentes essenciais da narrativa histórica.

A pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPE, parecer 6.759.694/2024), garantiu a integridade ética dos procedimentos, incluindo o uso dos Termos de Autorização para proteger a privacidade dos entrevistados e assegurar o uso responsável das informações. O percurso metodológico seguiu cinco etapas: revisão da literatura sobre Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e movimentos sociais; análise de documentos institucionais; sondagem de campo para identificar elementos da cultura escolar; a seleção dos sujeitos para realização das entrevistas; e, por fim, análise comparativa das entrevistas com os documentos, visando identificar convergências e divergências nas narrativas.

O público-alvo da pesquisa incluiu professores, acadêmicos, estudantes do curso de Agroecologia do IFB - *Campus* Planaltina e moradores do Assentamento Pequeno Willian, garantindo uma diversidade de perspectivas. O acervo resultante deu origem ao "Banco de História Oral Digital"¹, uma plataforma online que reúne narrativas transcritas, áudios e imagens, com o objetivo de preservar a memória e ampliar o acesso às histórias compartilhadas. A continuidade do projeto dependerá do interesse institucional e dos processos de registro de propriedade intelectual.

Ao refletir sobre a identidade institucional dos Institutos Federais e seu papel social, a pesquisa se insere na linha de pesquisa "Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica" do Mestrado ProfEPT, buscando aprofundar a compreensão da relação entre o IFB - *Campus* Planaltina e o Assentamento Pequeno Willian e contribuir para a preservação da memória histórica dessas comunidades.

Análise dos resultados: narrativas no contexto do IFB - *Campus* Planaltina e Assentamento Pequeno Willian

Os resultados obtidos das narrativas foram organizados por eixo temático, possibilitando assim uma melhor compreensão da pesquisa, conforme ilustra o quadro 1:

Quadro 1 – Análise dos resultados por eixo temático

Eixo Temático	Achados Principais	Fontes/Exemplos
Trajetórias institucionais	IFB-Planaltina: mudanças na identidade institucional; APW: memória coletiva marcada pela luta e resistência.	Entrevistas com professores, alunos e assentados; narrativas sobre Colégio Agrícola e formação do assentamento.
Memórias dos conflitos	Ocupação marcada por tensões territoriais, resistência, postura institucional e preconceitos persistentes.	Narrativas de assentados sobre ocupação, reunião com IFB, prejuízos e embates iniciais.
Conflito agroecologia x agronegócio	Disputa ideológica entre modelos educacionais; curso de Agronomia demonstra incompatibilidades com a identidade agroecológica.	Entrevistas com professores e assentados; críticas ao modelo acadêmico presente no <i>campus</i> e contradições relativas ao modelo neoliberal de educação ainda presente na rede.
Aproximação com movimentos sociais e APLs	Avanços pontuais; aproximações dependem de grupos engajados; institucionalidade ainda distante da realidade local.	Projeto PDA, vivências no APW, falas sobre extensão, críticas à institucionalidade do IFB e à falta de estrutura.

Eixo Temático	Achados Principais	Fontes/Exemplos
Cultura escolar e currículo	Presença de práticas extensionistas e diálogo com territórios em cursos como Agroecologia, mas com fragilidade institucional.	Críticas ao academismo; resistência à curricularização da extensão; valorização da Educação do Campo.
Identidade e sentimentos	Sentimentos de pertencimento, respeito e gratidão coexistem com relatos de preconceito, indignação e invisibilidade.	Relatos sobre o saudoso professor Domingos, Panteras Negras, memória de conflitos, ausência de estruturas básicas como transporte.
Perspectivas e desafios	Reconhecimento, Aprendizado mútuo, da necessidade de maior integração entre IFB e território; possibilidade de fortalecimento e empoderamento de grupos e representatividades, desejo de maior inclusão e transformação.	Narrativas sobre ocupação de espaços, formação crítica, empoderamento comunitário.

Fonte: elaborado pelos autores, 2025

As entrevistas evidenciaram a forma como os sujeitos percebem as transformações institucionais do IFB e as dinâmicas do Assentamento Pequeno Willian. Os servidores do *campus* relataram a transição do Colégio Agrícola para o Instituto Federal, enfatizando os desafios enfrentados pela comunidade acadêmica para se adaptar ao novo modelo educacional. Por outro lado, os assentados não demonstraram conhecimento aprofundado sobre essas mudanças institucionais, focando suas narrativas na luta pela terra e na construção do assentamento.

Um aspecto marcante desse processo foi ressaltado por um entrevistado da gestão do *campus*, que destacou as mudanças na estrutura educacional, incluindo a introdução do curso de Tecnologia em Agroecologia em 2009 e os impactos dessa transformação para as primeiras turmas. Na visão dele, a comunidade escolar enfrentou tanto resistências quanto avanços durante essa transição, evidenciando os desafios inerentes à reformulação de um modelo educacional historicamente estabelecido.

A memória coletiva dos moradores do APW é fortemente marcada pela luta pela terra e pela resistência. Os relatos dos assentados reforçam a importância das experiências vividas durante o acampamento e o significado simbólico do nome Pequeno Willian, atribuído em homenagem a uma criança falecida durante o processo de ocupação. Essa memória coletiva, conforme discutido por Halbwachs (1990) e Thompson (1992), fortalece a identidade do grupo e orienta suas ações.

¹ O produto educacional pode ser consultado pelo link: <https://banco-historia-oral.web.app/#/>. Acesso: 25 jun. 2025.

Implementação do curso de Agronomia e conflitos relacionados sob a perspectiva das narrativas

A implementação do Curso de Bacharelado em Agronomia no *Campus* Planaltina do IFB, em 2021, após anos de atuação do Curso de Tecnologia em Agroecologia, evidencia uma oposição de ideias entre as duas áreas. A Agroecologia, associada a práticas sustentáveis e comunitárias, se contrapõe à Agronomia, voltada para a produção agrícola em larga escala e para o agronegócio. Como ilustra um entrevistado, a formação dos professores de Agronomia, voltada para o agronegócio, envolve conhecimentos científicos convencionais, enquanto a Agroecologia adota uma abordagem mais empírica e comunitária, criando um ambiente de troca entre essas duas perspectivas.

Embora não tenha ocorrido um conflito explícito entre os cursos, ao aplicar os conceitos de territorialização de Camacho (2019), percebe-se que as tensões subjacentes se relacionam com propostas divergentes sobre educação, mercado, desenvolvimento e meio ambiente. Esses conflitos, embora não declarados, são visíveis nas narrativas dos entrevistados, refletindo um movimento mais amplo de tensões entre diferentes visões sobre como a educação e as práticas agrícolas devem se conectar com o contexto social e ambiental. Um dos entrevistados destacou que os preconceitos em relação à Agroecologia sempre existiram, mesmo antes da criação do curso de Agronomia, e mencionou que "esse grupo foi crescendo" (Entrevistado/a professor/a 2, 2024).

Na visão de Camacho (2019), essas tensões estão ligadas à dinâmica de territorialização dos saberes e práticas, onde as diferentes abordagens educacionais e de desenvolvimento se inserem e se reconfiguram no espaço social e político. A territorialização evidencia como essas propostas se alinham com as transformações na educação e nas políticas públicas, sendo amplificadas nas mídias e práticas no Brasil. Nesse cenário, há uma disputa por espaços e recursos entre modelos que, embora coexistam, representam visões distintas sobre como conciliar a formação acadêmica com as demandas do mercado e as questões socioambientais. Um entrevistado comenta que a criação do curso de Agronomia voltado para o agronegócio pode ser entendida como uma resposta contrária à proposta da Agroecologia:

[...] Talvez esse grupo de professores era contrário à proposta da Agroecologia, e aí foi criando esse movimento de criação de um curso de Agronomia voltado para o agronegócio" (Entrevistado/a professor/a 2, 2024).

As narrativas também destacam as divergências de posicionamento na sociedade atual, especialmente no que diz respeito ao impacto predatório do agronegócio no Brasil e no mundo. Além disso, as narrativas revelam críticas ao modelo educacional que promove a superespecialização, como no caso da

Agronomia, que tende a se distanciar da agricultura familiar e a focar em tecnologia avançada, sem dialogar com as realidades locais. Um entrevistado expõe que a superespecialização e o academicismo dificultam o diálogo com os territórios:

[...] Não vejo nenhuma diferença, o curso de Biologia com o curso de Agronomia... é a superespecialização ou esse processo acadêmico de verticalizar para as suas áreas de formação até [...] sem dialogar com os territórios" (Entrevistado/a professor/a 1, 2024).

Também é apontada a contradição entre a superoferta de agrônomos, que não são preparados para o desenvolvimento rural, e a carência de profissionais com competências mais integradas às questões sociais e territoriais.

O conflito ideológico alimentado por campanhas midiáticas que promovem o agronegócio também é um tema recorrente nas narrativas, evidenciando uma tensão cultural entre as abordagens educacionais e suas visões sobre o mercado e o desenvolvimento sustentável. As tensões no *campus* indicam uma disputa sobre o futuro da EPT e as complexas relações entre as pressões do mercado e as necessidades sociais e ambientais.

Aproximação com arranjos produtivos locais e com os movimentos sociais

A criação dos Institutos Federais (IFs) por meio da Lei nº 11.892/2008 enfatiza a importância da relação desses institutos com os "arranjos produtivos, sociais e culturais locais", com o objetivo de promover o desenvolvimento socioeconômico das regiões. Embora a questão seja abordada nos documentos de planejamento, as narrativas reiteram a importância dessa aproximação, reconhecendo-a como central para a missão dos IFs, como menciona um entrevistado:

[...] A Rede Federal... tem que se aproximar do território e compreender melhor ele. Tem que olhar e pensar essa territorialidade, esses arranjos produtivos locais..." (Entrevistado/a professor/a 1, 2024).

A análise revela que no *Campus* Planaltina (IFB), há uma percepção compartilhada entre alunos e professores sobre a necessidade de uma abordagem educacional mais prática e conectada aos territórios locais. Por outro lado, a gestão reconhece essa necessidade de integração, mas aponta desafios operacionais que dificultam a plena realização dessa missão. Entre os obstáculos mencionados, estão limitações de infraestrutura, recursos humanos e financeiros, que impactam a capacidade de desenvolver atividades práticas e projetos em parceria com a comunidade local.

Na discussão sobre o papel da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), há uma discussão filosófica ampla sobre o papel do trabalho como princípio educativo central, defendido por autores como Frigotto (2005), Saviani (2003) e Ramos (2014), no qual argumentam que o trabalho deve considerar a história, as relações com a natureza e as transformações sociais. Essa concepção requer a integração das práticas educacionais com os movimentos sociais e os arranjos produtivos locais, o que demanda maior atenção e investimento institucional.

Em meio a essas tensões, a falta de uma compreensão bem definida sobre o papel dos Institutos Federais (IFs) na sociedade resulta em uma crise de identidade institucional, o que enfraquece sua conexão efetiva com os arranjos produtivos, sociais e culturais locais. Superar esses limites e equacionar essas tensões é um desafio ainda em aberto para o IFB – *Campus* Planaltina e outras instituições da rede federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica (RFEPT).

Relação do IFB - *Campus* Planaltina e APW no passado e atualmente

Apesar dos avanços observados na articulação entre educação popular, educação do campo, educação formal e não formal no IFB *Campus* Planaltina, especialmente no Curso de Agroecologia, essas iniciativas não se consolidaram de forma homogênea em toda a instituição, particularmente no que diz respeito à integração com os movimentos sociais. Como um professor aponta:

[...] Nós fazemos muitas inserções lá, muitas aulas práticas, mutirões, mas fica muito a cargo de um professor, de um docente que tem essa relação, que já construiu esses laços de confiança..." (Entrevistado/a professor/a 1, 2024).

Apesar de avanços na convivência entre o *campus* e o Assentamento Pequeno Willian (APW), ainda existem desafios significativos. A gestão destaca uma convivência tranquila, mas servidores, alunos e assentados percebem que, apesar de algumas melhorias, a verdadeira reconciliação e aproximação ainda exigem mais esforço.

A prática extensionista no IFB tem avançado, especialmente no Curso de Agroecologia, com atividades como o Diagnóstico Participativo para a construção do PDA (Plano de Desenvolvimento do Assentamento), uma atividade que favoreceu a integração entre o aprendizado formal e não formal (Gohn, 2006). A entrevista do/a professor/a 2 afirma que "a forma como você estudou vai influenciar a sua maneira de ser...", indicando que a formação contínua e a conscientização sobre a realidade local são cruciais para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que estejam em sintonia com as necessidades dos movimentos sociais.

A importância da História Oral para a construção de uma identidade coletiva

A relação entre o *campus* do IFB e o assentamento é marcada por um processo complexo de construção de vínculos, que envolve momentos de tensões, aprendizado e transformação mútua. As narrativas revelam uma gama de sentimentos, desde o reconhecimento das contribuições do *campus* para fortalecer identidades locais, até os desafios cotidianos dessa convivência, refletindo uma identidade coletiva que ultrapassa a dicotomia campo/cidade e ressignifica os papéis de ambas as partes. A memória, como conceito abordado por Le Goff (2013), é central para a construção dessas identidades coletivas, especialmente em contextos de resistência e afirmação cultural, como os movimentos sociais e as culturas marginalizadas.

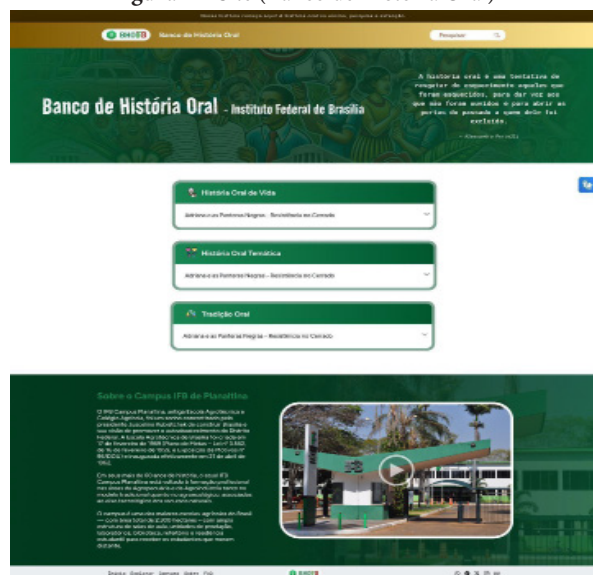
Na História Oral, os relatos desempenham um papel crucial na construção de uma identidade coletiva, ao entrelaçar saberes populares e institucionais e permitir uma narrativa inclusiva e representativa das diversas identidades. Os sentimentos expressos nesses relatos, como preconceito, indignação, respeito, gratidão, admiração e pertencimento, são essenciais para compreender as dinâmicas de poder, resistência e identidade, enriquecendo a narrativa com aspectos profundos das vivências e experiências.

Thompson (2002), embora não defina rigidamente tipos de História Oral, destaca sua flexibilidade, permitindo adaptações para diferentes contextos e finalidades, possibilitando a reflexão sobre eventos históricos por meio das experiências subjetivas dos envolvidos.

Nessa perspectiva, desenvolvemos como Produto Educacional o Banco de História Oral Digital, projetado para ser uma ferramenta útil na pesquisa sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Sua construção envolveu levantamento bibliográfico e colaborações com outros pesquisadores, com o objetivo de avaliar sua efetividade. O design da interface foi definido com o uso do Figma.

O Banco de História Oral Digital se destaca como uma ferramenta relevante na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), não só por preservar a memória, mas também por fortalecer a identidade e o senso de pertencimento dos sujeitos envolvidos. O site criado foi um protótipo, construído a partir do recorte desta pesquisa, mas com a potencialidade de ser replicado e ampliado para iniciativas mais amplas de preservação da memória institucional, permitindo uma perspectiva reflexiva e crítica, importante para o balanço contínuo das ações institucionais.

Figura 1 – Site (Banco de História Oral)



Fonte: <https://banco-historia-oral.web.app/#/>

Ademais, diversas funcionalidades foram contempladas para o pleno funcionamento do site, incluindo a capacidade de efetuar o *upload* de narrativas orais, a reprodução de áudio, bem como a categorização e a visualização dos textos correspondentes às histórias.

A implementação do site seguiu os procedimentos necessários de autorização para o uso de voz e imagem antes das entrevistas, e as transcrições foram realizadas manualmente para garantir a integridade das narrativas, respeitando os protocolos de segurança de dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e os movimentos sociais é complexa e multifacetada. No caso do *Campus* Planaltina do IFB e do Assentamento Pequeno Willian, essa interação reflete tanto avanços quanto desafios, especialmente devido aos traumas dos conflitos passados e à tensão entre educação formal e demandas comunitárias. As entrevistas revelam a história do *campus* e os conflitos iniciais com o assentamento, como o choque cultural e as dificuldades de adaptação a novas realidades educacionais.

As narrativas evidenciam as tensões presentes entre modelos educacionais distintos, com um conflito entre uma educação crítica, voltada para a emancipação social, e outra focada em demandas do mercado, alinhada ao agronegócio. Abre-se um campo de disputas que permanece na sociedade brasileira, tanto dentro como fora das instituições de EPT.

O estudo destaca a importância de fortalecer a relação entre o IFB e os movimentos sociais, com diretrizes e suportes institucionais para ampliar os impactos de iniciativas como projetos integradores. A colaboração entre a EPT e os movimentos sociais pode gerar mudanças sociais significativas.

O estudo também revelou lacunas, como a limitação no número de entrevistas e a necessidade de mais pesquisas sobre as diferenças entre os cursos de Agroecologia e Agronomia, além de ampliar a participação de outras vozes importantes.

Em termos de resultados, o estudo foi bem-sucedido ao investigar e analisar as relações sociais entre o IFB e o Assentamento Pequeno Willian, desenvolvendo um Banco de História Oral Digital como produto educacional, o que contribui para a preservação da memória do *campus* e do assentamento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm. Acesso em: 20 maio 2023.

CAMACHO, Rodrigo Simão. O paradigma originário da educação do campo e a disputa de territórios materiais/imateriais com o agronegócio. **Revista NERA**, v. 22, n. 50, p. 64-90, 2019.

CIAVATTA, F. M. A. **A formação emancipatória de trabalhadores/as na educação profissional (REDEEPT)**. [S. l.]: [s. n.], 2022. 1 vídeo (82 min). Publicado pelo canal: Maria Ciavatta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D7Xyy-qukTJ4>. Acesso em: 12 fev. 2025.

FRIGOTTO, G. **Educação e trabalho: os desafios da formação profissional e tecnológica no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JULIA, Dominique. **A escola e a cultura escolar**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 7. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MOURA, Dante Henrique. **Educação profissional no Brasil: memória, trabalho e formação**. São Paulo: Cortez, 2013.

NORA, Pierre. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História: Revista Do Programa**

De Estudos Pós-Graduados De História, 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

PACHECO, Eliezer. **Institutos Federais: uma Revolução na Educação Profissional e Tecnológica**. São Paulo: Fundação Santillana/Moderna, 2011.

PORTELLI, Alessandro. O QUE FAZ A HISTÓRIA ORAL DIFERENTE. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 14, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>.

RAMOS, Marise. **História e Política da Educação Profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção formação pedagógica; v. 5). Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/Hist%C3%B3ria-e-pol%C3%ADtica-da-educa%C3%A7%C3%A3o-profissional.pdf> Acesso em: 18 set. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVA, Marco Antonio Baratto Ribeiro da. **Questão Agrária e Luta pela Terra: a consolidação dos assentamentos de Reforma Agrária do MST no Distrito Federal e Entorno**. 2017. Tese (Doutorado em Política Social) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

STÉDILE, João Pedro. **MST na luta pela terra e pela reforma agrária**. João Pedro Stédile no TVE Entrevista estreada em 9 de set. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f2kBj-26Mks>. Acesso em: 10 dez. 2024.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.